ISSN: 2358-8829

ENTRE O BRINCAR E O JULGAR: O OLHAR SOBRE O CONTATO CORPORAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM VIVÊNCIAS DO PIBID EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE CARUARU

Ariany Vitória Lopes de Souza[1]
Thiago Felipe Torres Bezerra[2]
João Lucas Monteiro Gomes[3]
Gabriel Soares Pereira Xavier[4]
Esther Mendes Correia[5]
Roberta de Granville Barboza[6]

INTRODUÇÃO

O corpo constitui uma dimensão fundamental da existência humana, pois é por meio dele que os sujeitos interagem com o mundo, expressam sentimentos, constroem identidades e estabelecem relações sociais. Sua compreensão ultrapassa os aspectos biológicos, uma vez que a corporeidade também é atravessada por valores, normas e significados históricos e culturais que influenciam a maneira como cada indivíduo percebe a si mesmo e se relaciona com os outros.

Nesse contexto, a Educação Física Escolar assume papel relevante ao proporcionar experiências de exploração, expressão e aprendizagem corporal. Entretanto, por envolver a realização de movimentos e a exposição diante dos colegas, suas aulas também podem evidenciar diferenças de habilidades, inseguranças e receios relacionados à aparência e ao desempenho. Assim, a participação nas práticas corporais não depende apenas das capacidades motoras ou do interesse individual, mas também das relações sociais e dos significados atribuídos ao próprio corpo.

Essas questões adquirem particular importância na adolescência, período marcado por transformações físicas, emocionais e sociais que participam da construção da identidade e da autoimagem. Oliveira (2006) destaca a relevância dos processos de socialização e do

[1] Graduanda do Curso de Educação Física da Asces Unita,;
[2] Graduando do Curso de Educação Física da Asces Unita,;
[3] Graduando do Curso de Educação Física da Asces Unita,;
[4] Graduando do Curso de Educação Física da Asces Unita,;
[5] Especialista em Educação Física Escolar, UNINTER;
[6] Doutora em Educação Física UPE/UFPB e orientadora do trabalho.

reconhecimento pelos pares nessa etapa da vida, enquanto Oliveira e Machado (2021) discutem a influência das exigências estéticas e da busca por aceitação na percepção que os jovens constroem sobre si mesmos. Nesse cenário, a comparação com os outros e a preocupação com a própria aparência ou com o desempenho podem intensificar a autocobrança e produzir sentimentos de vergonha e insegurança durante as atividades escolares.

As interações entre estudantes também podem interferir nessas experiências. Risadas, piadas e comentários depreciativos, quando transformam dificuldades individuais em motivos de exposição, podem ampliar o constrangimento e dificultar a participação. A discussão de Weimer e Moreira (2014) contribui para compreender a relevância das relações entre pares nas aulas de Educação Física, embora seja necessário distinguir manifestações pontuais de julgamento de situações que possam ser caracterizadas como bullying. Além disso, as relações de gênero precisam ser consideradas, pois expectativas sociais relacionadas ao corpo, à aparência e ao desempenho podem atravessar as formas de participação dos estudantes, como discutem Uchoga e Altmann (2016), sem que se pressuponha que determinadas reações sejam próprias de meninos ou meninas.

Essa problemática ganha destaque nas vivências de ginástica desenvolvidas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), conteúdo que favorece a experimentação de movimentos, o reconhecimento das possibilidades corporais e, em determinadas propostas, a cooperação entre os participantes. Ao mesmo tempo, essas experiências podem tornar mais visíveis as dificuldades e os receios diante do grupo. Por isso, a atuação pedagógica precisa considerar não apenas a execução dos movimentos, mas também as condições relacionais que favorecem uma participação respeitosa e inclusiva. Nessa direção, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017) oferece orientações para o desenvolvimento de aprendizagens relacionadas ao conhecimento de si, ao respeito às diferenças e à análise crítica de preconceitos e estereótipos.

É nesse contexto que se insere o presente estudo, desenvolvido durante vivências pedagógicas do PIBID em uma escola pública municipal de Caruaru, Pernambuco, com uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental. A investigação justifica-se pela necessidade de compreender como a exposição corporal, a autocobrança e o receio do julgamento dos colegas se relacionam com as experiências de participação nas aulas de Educação Física, contribuindo para a reflexão sobre práticas pedagógicas atentas às dimensões sociais e afetivas da aprendizagem. Diante disso, o objetivo deste trabalho é analisar a autocobrança e a vergonha da exposição corporal nas aulas de Educação Física Escolar, buscando compreender suas

ISSN: 2358-8829

relações com a participação dos adolescentes e com as interações estabelecidas durante as vivências de ginástica desenvolvidas no contexto do PIBID.

METODOLOGIA

A presente investigação caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter descritivo e desenvolvida em campo, tendo como foco a compreensão das experiências, interações e manifestações dos estudantes durante as aulas de Educação Física Escolar. A escolha dessa abordagem justifica-se pela natureza do problema investigado, que envolve aspectos subjetivos e relacionais da experiência corporal, como a vergonha da exposição do corpo, a autocobrança, o receio do julgamento dos colegas e as possíveis repercussões dessas experiências na participação nas práticas corporais. Dessa forma, buscou-se compreender os fenômenos em seu contexto de ocorrência, considerando as relações estabelecidas entre os estudantes e as características das atividades pedagógicas propostas. Conforme Gil (2002), as pesquisas descritivas têm como finalidade apresentar características de determinada população ou fenômeno e contribuir para a compreensão das relações presentes na realidade investigada.

O estudo foi desenvolvido no contexto das atividades do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em uma escola pública municipal de Caruaru, Pernambuco, envolvendo uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental, composta por aproximadamente 35 estudantes. A investigação ocorreu entre março e junho de 2026, durante aproximadamente dez aulas de Educação Física nas quais foram planejadas e desenvolvidas atividades relacionadas ao conteúdo de ginástica. A escolha desse contexto permitiu acompanhar situações pedagógicas nas quais os estudantes eram convidados a experimentar movimentos corporais, lidar com diferentes possibilidades de execução e interagir com os colegas, favorecendo a observação de aspectos relacionados à exposição corporal, à participação e às relações interpessoais.

A produção dos dados ocorreu por meio da observação direta dos estudantes durante as aulas acompanhadas. Esse procedimento possibilitou observar manifestações e comportamentos apresentados no decorrer das atividades, considerando as formas de participação, as reações diante da execução dos movimentos, as interações entre os colegas e as situações em que a exposição corporal parecia produzir desconforto ou resistência à realização das propostas. Segundo Marconi e Lakatos (2003), a observação constitui uma técnica de investigação que permite acompanhar diretamente os fenômenos em seu contexto de

ISSN: 2358-8829

ocorrência, contribuindo para a compreensão dos comportamentos e das relações estabelecidas na realidade estudada.

Durante as vivências pedagógicas, foram consideradas situações relacionadas à disposição dos estudantes para participar das atividades, à manifestação de vergonha ou insegurança diante da realização dos movimentos, à preocupação com o próprio desempenho e às reações diante da observação dos colegas. Também foram observadas manifestações como risadas, comentários, brincadeiras e piadas que, em determinadas circunstâncias, pareciam provocar constrangimento ou interferir na participação dos estudantes. Além disso, foram consideradas situações em que alguns estudantes demonstravam resistência à realização das atividades ou verbalizavam justificativas para não participar. Essas manifestações foram compreendidas em relação ao contexto em que ocorreram, evitando interpretar comportamentos isolados de maneira descontextualizada.

A análise também considerou as relações estabelecidas entre os estudantes durante as atividades de ginástica, especialmente no que se refere à exposição corporal, à percepção das próprias capacidades e às interações que poderiam favorecer ou dificultar a participação. As relações de gênero constituíram uma dimensão de atenção da investigação, tendo em vista que as experiências corporais são atravessadas por expectativas sociais relacionadas aos corpos, aos comportamentos e ao desempenho. Entretanto, a interpretação dessas relações não partiu da pressuposição de que determinadas atitudes fossem inerentes a meninos ou meninas, mas da necessidade de compreender as manifestações observadas à luz das situações concretas vivenciadas no ambiente escolar. Nesse sentido, a discussão de Uchoga e Altmann (2016) contribuiu para fundamentar a compreensão de que as experiências de participação nas aulas de Educação Física são influenciadas pelas relações sociais e pelas condições de experimentação das práticas corporais.

Após o acompanhamento das aulas, as situações observadas foram organizadas em quatro eixos interpretativos: 1) exposição corporal e vergonha; 2) medo do julgamento dos colegas; 3) autocobrança e participação nas atividades; e 4) relações de gênero, contato corporal e constrangimento. Esses eixos foram utilizados para orientar a organização e a interpretação do material produzido no campo, permitindo reunir manifestações relacionadas a aspectos comuns da experiência dos estudantes. A análise foi desenvolvida de maneira interpretativa, buscando compreender os sentidos das situações observadas em articulação com o contexto pedagógico, as relações entre pares e as discussões teóricas sobre adolescência, autoimagem, corporeidade e gênero.

ISSN: 2358-8829

A interpretação dos dados foi fundamentada no diálogo entre as observações realizadas durante as aulas e o referencial teórico mobilizado na pesquisa. As contribuições de Oliveira (2006) e Oliveira e Machado (2021) contextualizaram as questões relacionadas à adolescência e à autoimagem; Weimer e Moreira (2014) contribuíram para a discussão das manifestações de violência e constrangimento nas relações entre estudantes; e Uchoga e Altmann (2016) ofereceram subsídios para refletir sobre as relações de gênero nas aulas de Educação Física. Essa articulação buscou compreender as manifestações observadas sem reduzir a participação dos estudantes à capacidade de executar os movimentos, considerando também as dimensões sociais, afetivas e simbólicas envolvidas nas experiências corporais.

O tratamento dos dados buscou compreender as manifestações em seu contexto, evitando interpretações descontextualizadas ou conclusões que ultrapassassem as evidências disponíveis. Assim, risadas, piadas e comentários não foram automaticamente classificados como bullying, uma vez que essa caracterização exige elementos específicos que não podem ser presumidos a partir de episódios isolados. Da mesma forma, as relações de gênero e o contato corporal foram considerados dimensões relevantes, mas interpretados de acordo com os registros efetivamente produzidos.

Por fim, reconhece-se que a investigação se restringe a uma turma e a aproximadamente dez aulas, o que limita a generalização dos resultados. Sua finalidade é compreender as experiências observadas nesse contexto e contribuir para a reflexão sobre a mediação docente e a construção de ambientes de aprendizagem respeitosos e inclusivos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das vivências acompanhadas durante as aulas de Educação Física evidenciou a relevância das dimensões sociais, afetivas e simbólicas na compreensão da participação dos adolescentes nas atividades de ginástica. As observações realizadas indicaram que a experiência corporal no ambiente escolar não se restringe à execução dos movimentos ou ao domínio das habilidades motoras, pois também envolve a maneira como os estudantes percebem o próprio corpo, antecipam possíveis avaliações dos colegas e lidam com a exposição diante do grupo. Nesse sentido, a participação nas práticas corporais precisa ser compreendida em sua complexidade, considerando tanto as possibilidades de aprendizagem oferecidas pelas atividades quanto as relações interpessoais que atravessam sua realização.

Um primeiro aspecto identificado refere-se à exposição corporal e à vergonha diante da realização dos movimentos. Nas situações acompanhadas, o constrangimento apareceu

ISSN: 2358-8829

associado a contextos nos quais os estudantes percebiam dificuldades na execução das atividades ginásticas ou se consideravam diferentes dos colegas quanto às possibilidades de realização dos movimentos. Essa constatação aponta para uma questão pedagógica importante: a dificuldade motora não constitui, necessariamente, um impedimento à aprendizagem, mas pode adquirir esse significado quando o estudante interpreta sua execução como motivo de comparação, avaliação ou possível ridicularização. Assim, uma atividade que deveria favorecer a experimentação e a ampliação do repertório corporal pode ser vivenciada como uma situação de exposição pessoal.

Essa interpretação dialoga com Oliveira (2006), ao considerar que a adolescência envolve transformações na construção da identidade, na autoimagem e nas relações estabelecidas com os pares. Nessa etapa, a percepção de como se é visto pelos outros pode influenciar a disposição para experimentar novas possibilidades de ação. Nas aulas de Educação Física, essa condição ganha particular relevância porque os movimentos corporais são realizados em um espaço compartilhado, no qual diferenças de desempenho podem tornar-se visíveis. Desse modo, o receio de errar ou de executar um movimento de maneira considerada inadequada pode interferir na disponibilidade do estudante para participar, mesmo quando a atividade apresenta possibilidades de aprendizagem compatíveis com suas capacidades.

A questão da exposição corporal também precisa ser compreendida para além da aparência física. Embora a autoimagem possa estar relacionada à insatisfação com o próprio corpo, o desconforto nas aulas pode envolver igualmente a percepção de não possuir determinada habilidade, a dificuldade de acompanhar o ritmo dos colegas ou o medo de demonstrar insegurança diante do grupo. Essas dimensões podem se articular e intensificar a autocobrança, levando o adolescente a estabelecer exigências elevadas para sua própria participação. Nessa perspectiva, o problema pedagógico não está na existência de diferentes níveis de habilidade, condição inerente aos processos de aprendizagem, mas na possibilidade de que essas diferenças sejam interpretadas como sinais de inferioridade ou transformadas em critérios de reconhecimento social.

A discussão apresentada por Oliveira e Machado (2021) contribui para ampliar essa compreensão ao abordar a influência das expectativas estéticas e da busca por aceitação na construção da autoimagem dos adolescentes. Em uma sociedade marcada pela ampla circulação de imagens corporais idealizadas, os jovens podem incorporar padrões que orientam suas avaliações sobre a própria aparência e seu desempenho. Embora as observações deste estudo não permitam estabelecer uma relação causal direta entre o uso das redes sociais e as manifestações de constrangimento identificadas nas aulas, essa discussão oferece uma

ISSN: 2358-8829

perspectiva relevante para compreender o contexto sociocultural no qual as experiências corporais são produzidas. A autocobrança, portanto, não deve ser interpretada exclusivamente como uma característica individual, pois pode estar relacionada a expectativas sociais sobre como o corpo deve se apresentar, movimentar-se e corresponder aos padrões valorizados pelo grupo.

Um segundo aspecto relevante diz respeito ao medo do julgamento dos colegas e às repercussões das interações entre pares na participação. Durante as vivências acompanhadas, foram consideradas manifestações como risadas, piadas, comentários e outras expressões que pareciam produzir constrangimento ou interferir na disposição dos estudantes para realizar as atividades. Essas situações demonstram a importância de analisar o ambiente relacional das aulas, uma vez que a experiência de participar de uma prática corporal depende também das condições de segurança e respeito percebidas pelos estudantes. Quando o erro é acompanhado por manifestações depreciativas, a experimentação pode deixar de ser compreendida como parte do processo de aprendizagem e passar a representar uma situação de risco à aceitação social.

A discussão de Weimer e Moreira (2014), sobre violência e bullying nas aulas de Educação Física Escolar, contribui para reconhecer que as relações entre estudantes podem assumir diferentes formas e repercutir sobre as experiências vivenciadas no componente curricular. No presente estudo, entretanto, é necessário distinguir os comentários, as brincadeiras e as manifestações de julgamento observadas de situações que poderiam ser classificadas especificamente como bullying. A identificação de uma situação de constrangimento não é suficiente, isoladamente, para estabelecer essa classificação. Essa distinção é importante porque permite analisar criticamente as relações entre os estudantes sem recorrer a categorias que ultrapassem as evidências disponíveis.

Do ponto de vista pedagógico, os achados reforçam que a mediação docente não pode se limitar à organização dos materiais, à demonstração dos movimentos e à orientação técnica das atividades. É igualmente necessário acompanhar as interações estabelecidas durante as práticas, identificar manifestações que possam constranger os participantes e construir acordos coletivos de convivência. Isso implica problematizar o uso das diferenças corporais como motivo de ridicularização, valorizar as tentativas de realização dos movimentos e reconhecer que a aprendizagem envolve experimentação, erro, reorganização das ações e progressiva ampliação das possibilidades individuais. Tais encaminhamentos não eliminam automaticamente as inseguranças dos adolescentes, mas constituem possibilidades de intervenção pedagógica para que elas não se convertam em barreiras à participação.

ISSN: 2358-8829

Um terceiro eixo de análise refere-se à relação entre autocobrança e envolvimento nas atividades. As observações consideradas na pesquisa incluíram situações de resistência à participação, bem como justificativas apresentadas por estudantes que não desejavam realizar determinadas propostas. Esses comportamentos precisam ser analisados com cautela, pois a recusa em participar pode assumir diferentes significados e não permite concluir, por si só, que o estudante esteja desinteressado ou que apresente dificuldades de aprendizagem. Quando interpretada em conjunto com as manifestações de vergonha, o receio de julgamento e a preocupação com o próprio desempenho, a resistência pode indicar a necessidade de investigar as condições nas quais a atividade é proposta e vivenciada.

Essa interpretação desloca o foco de uma explicação centrada exclusivamente no indivíduo para uma análise das relações entre o estudante, a proposta pedagógica e o grupo. Em vez de compreender a não participação apenas como falta de interesse ou de esforço, torna-se necessário considerar se o ambiente oferece condições para que os estudantes experimentem movimentos sem receio de exposição depreciativa. Essa perspectiva não significa atribuir toda ausência de participação ao constrangimento, mas reconhecer que o envolvimento nas aulas é um fenômeno complexo, atravessado por fatores individuais, sociais e pedagógicos.

Hardman et al. (2013), ao investigarem a participação nas aulas de Educação Física e indicadores de atitudes relacionadas à atividade física em adolescentes, oferecem elementos para situar a importância do envolvimento dos estudantes nas experiências escolares. Embora o presente estudo tenha objetivos e procedimentos distintos, essa discussão reforça a necessidade de observar as condições que favorecem ou dificultam a participação. No contexto investigado, isso significa reconhecer que a presença física na aula não corresponde necessariamente ao envolvimento efetivo com a aprendizagem. A participação também precisa ser analisada considerando a disposição para experimentar, a possibilidade de expressar dúvidas, a interação com os colegas e o sentimento de pertencimento às atividades propostas.

O quarto eixo envolve as relações de gênero, o contato corporal e o constrangimento. A investigação considerou possíveis diferenças nas manifestações dos estudantes diante da exposição e das interações corporais, tomando como referência as situações acompanhadas durante as aulas. Essa dimensão é relevante porque os significados atribuídos ao corpo, à aparência, ao desempenho e às formas de interação são socialmente construídos e podem produzir expectativas distintas para meninos e meninas. Entretanto, a compreensão dessas relações exige atenção para não transformar diferenças pontuais de comportamento em características fixas de cada gênero.

ISSN: 2358-8829

Uchoga e Altmann (2016) contribuem para essa discussão ao demonstrarem a importância de considerar as relações de gênero na análise das formas de participação e das disposições dos estudantes para experimentar e arriscar-se nas práticas corporais. A partir dessa perspectiva, as manifestações de insegurança ou resistência não devem ser interpretadas isoladamente, mas relacionadas às condições sociais que atravessam as experiências escolares.

No presente estudo, embora o texto original aponte uma preocupação com o constrangimento vivenciado pelas meninas, os elementos apresentados não permitem estabelecer, de maneira conclusiva, que elas tenham sido afetadas em maior intensidade. Para sustentar essa afirmação, seria necessário dispor de registros que demonstrassem como essas manifestações ocorreram, em quais situações e de que maneira se diferenciaram entre os estudantes. Assim, as relações de gênero constituem uma dimensão importante de interpretação, mas suas manifestações específicas precisam permanecer vinculadas às evidências efetivamente produzidas.

A discussão do contato corporal também requer uma delimitação conceitual. A exposição do corpo diante dos colegas, a proximidade física e o contato corporal são dimensões relacionadas, mas não equivalentes. Uma atividade pode produzir vergonha pela possibilidade de ser observado sem envolver contato físico; da mesma forma, uma proposta que exige cooperação corporal pode suscitar dúvidas ou desconfortos que não se confundem necessariamente com a insatisfação com a aparência. Por isso, a compreensão das experiências vivenciadas nas aulas de ginástica exige distinguir essas dimensões e investigar os significados que assumem em cada situação. Os registros apresentados no estudo sustentam a discussão sobre exposição corporal, julgamento e participação, mas não detalham suficientemente episódios de contato físico que permitam caracterizar suas manifestações específicas. Esse limite precisa ser reconhecido para que o alcance das interpretações corresponda ao material disponível.

Considerando o contexto do PIBID, os achados também apresentam implicações para a formação inicial de professores de Educação Física. A experiência de acompanhar as relações estabelecidas durante as aulas permite problematizar a ideia de que o planejamento pedagógico deve se concentrar exclusivamente nos objetivos motores e na organização das tarefas. A observação das respostas dos estudantes, de suas dificuldades e das interações produzidas durante as atividades pode contribuir para que os futuros professores compreendam a necessidade de articular o ensino dos conteúdos da cultura corporal com a construção de ambientes de aprendizagem respeitosos e inclusivos. Nesse processo, a reflexão sobre a prática

assume importância para identificar situações que dificultam o envolvimento dos estudantes e orientar possíveis reorganizações das propostas pedagógicas.

A ginástica, nesse sentido, não deve ser compreendida apenas como um conjunto de movimentos a serem executados, mas como um conteúdo que oferece oportunidades para explorar possibilidades corporais, reconhecer diferenças e refletir sobre os critérios utilizados para avaliar o desempenho. Quando as atividades são organizadas de modo a admitir diferentes formas de execução, respeitar os ritmos de aprendizagem e valorizar o processo de experimentação, ampliam-se as possibilidades de participação dos estudantes. Da mesma maneira, a intervenção docente diante de comentários depreciativos e julgamentos pode contribuir para questionar normas de convivência que transformam a diferença em motivo de exclusão. Essas possibilidades precisam ser compreendidas como orientações pedagógicas derivadas da análise, e não como resultados de intervenções cuja eficácia tenha sido comprovada por esta investigação.

Em síntese, a análise das vivências acompanhadas indica que a vergonha da exposição corporal e a autocobrança precisam ser compreendidas em articulação com o medo do julgamento dos colegas, as relações interpessoais e as condições de participação nas aulas de Educação Física. Os elementos observados apontam que o envolvimento dos adolescentes nas práticas de ginástica não pode ser explicado exclusivamente pelo domínio motor ou pelo interesse individual, uma vez que as experiências corporais também são atravessadas pelos significados atribuídos ao próprio corpo e pelas relações estabelecidas no grupo. Ao mesmo tempo, por se tratar de uma investigação circunscrita a uma turma e a um conjunto delimitado de aulas, os resultados não permitem generalizações sobre todos os adolescentes ou sobre a Educação Física Escolar em sua totalidade. Sua contribuição consiste em evidenciar questões que merecem atenção no planejamento e na mediação pedagógica, além de indicar a necessidade de investigações que aprofundem as relações entre exposição corporal, contato físico, gênero e participação nas diferentes práticas corporais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar a autocobrança e a vergonha da exposição corporal nas aulas de Educação Física Escolar, buscando compreender suas relações com a participação dos adolescentes e as interações estabelecidas durante as vivências de ginástica desenvolvidas no contexto do PIBID, em uma escola municipal de Caruaru-PE. As análises evidenciaram que a participação nas práticas corporais não depende exclusivamente das

habilidades motoras ou do interesse individual, mas também envolve a percepção que os estudantes constroem sobre o próprio corpo, o receio do julgamento dos colegas e as condições relacionais presentes no ambiente escolar.

Os quatro eixos analisados permitiram compreender que a exposição corporal pode provocar insegurança; que risadas, piadas e comentários podem intensificar o constrangimento; que a autocobrança pode estar relacionada à resistência em participar; e que as relações de gênero e o contato corporal exigem atenção pedagógica. Esses aspectos precisam ser compreendidos de maneira articulada, considerando que as experiências corporais são atravessadas por dimensões sociais, afetivas e culturais. Ressalta-se, entretanto, que os dados não permitem afirmar conclusivamente que meninas sejam mais afetadas, caracterizar os episódios observados como bullying ou estabelecer relações causais entre os fenômenos investigados.

Do ponto de vista pedagógico, os resultados reforçam a importância de uma Educação Física que ultrapasse a valorização exclusiva do desempenho motor, reconhecendo as diferenças individuais e promovendo oportunidades de participação, experimentação e aprendizagem. Cabe ao professor mediar as relações entre os estudantes, intervir diante de manifestações depreciativas e organizar atividades que respeitem os diferentes ritmos de aprendizagem. No contexto do PIBID, essas reflexões também contribuem para a formação inicial docente, ao evidenciar que ensinar práticas corporais exige atenção tanto aos conteúdos quanto às relações e aos sentimentos envolvidos nas experiências escolares.

Como limitação, destaca-se que a investigação foi realizada em uma única turma, mediante observação de aproximadamente dez aulas, o que restringe a generalização dos resultados. Estudos futuros poderão aprofundar a temática em diferentes contextos escolares, incorporando a percepção dos próprios estudantes e investigando mais detalhadamente as relações entre exposição corporal, contato físico, gênero e participação.

Conclui-se que compreender as experiências corporais dos adolescentes exige olhar para além dos movimentos executados, considerando os significados atribuídos ao corpo e as relações construídas durante as aulas. Entre o brincar e o julgar, o desafio da Educação Física Escolar consiste em promover ambientes acolhedores e inclusivos, nos quais as diferenças não se transformem em motivos de constrangimento, mas sejam reconhecidas como parte dos processos de aprendizagem, convivência e formação humana.

Palavras-chave: Educação Física escolar; Corporeidade; Imagem corporal; Adolescência; Gênero.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, V.; HUGUENIN, F.; MORGADO, F. Educação física escolar e imagem corporal: uma análise documental a partir da Base Nacional Comum Curricular. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 4, n. 45025, p. 1-26, 2025. Disponível em: scielo.br/j/edur/a/4Qc9gMZHNDTgDmzGmcWgDQP/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 13 set. 2026.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HARDMAN, Carla Menêses; BARROS, Simone Storino Honda; ANDRADE, Maria Laura Siqueira de Souza; NASCIMENTO, Juarez Vieira do; NAHAS, Markus Vinicius; BARROS, Mauro Virgílio Gomes de. Participação nas aulas de educação física e indicadores de atitudes relacionadas à atividade física em adolescentes. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 623-631, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbefe/a/VQZgqnjWf3XyvSXtJbbk6wt/?lang=pt. Acesso em: 15 set. 2026.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva,** Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMFf/?lang=pt Acesso em: 15 set. 2026.

OLIVEIRA, M. Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 2, p. 427-436, maio/ago. 2006. Disponível em: scielo.br/j/pe/a/pB6Rn6NbJgKzRb3dnv35qtn/?format=pdf&lang=pt&ilang=pt_BR. Acesso em: 13 set. 2026.

OLIVEIRA, M.; MACHADO, J. O insustentável peso da autoimagem: (re)apresentações na sociedade do espetáculo. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 7, p. 2663-2672, 2021. Disponível em: scielo.br/j/csc/a/JJ44yNWrLnvgVKknD3RPQkk/?format=pdf&lang=pt&ilang=pt_BR. Acesso em: 13 set. 2026.

UCHOGA, Liane Aparecida Roveran; ALTMANN, Helena. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, n. 2, p. 163-170, 2016. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0101328915001249?via%3Dihub. Acesso em: 15 set. 2026.

WEIMER, Weyboll Rocha; MOREIRA, Evando Carlos. Violência e bullying: manifestações e consequências nas aulas de Educação Física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n. 1, p. 257-274, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbce/a/XRtMKkHn3gxMbYSvg5rk3pr/?lang=pt Acesso em: 15 set. 2026.